

---

## Inquérito 5736: a Inquisição (nossa) de cada dia

Por Simone Carleto<sup>1</sup>

“BRANCA: 'Tudo isso que estou dizendo é na esperança de que vocês entendam... Porque eles, eles não entendem... nem eu também os entendo. Vão dizer que sou uma herege e que estou possuída pelo Demônio. E isso não é verdade! Não acreditem! (...) Não sei... não sei o que eles pretendem. Já não entendo mesmo o que eles falam. Parece que as palavras estão mudando de significado. Ou talvez Deus não me tenha dado muita inteligência...” Dias Gomes (*Santo Inquérito*, 1966)

*Inquérito 5736 - Apenas uma parte da verdade*, da Cia de Segunda, de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, conta com direção de Anderson Dias, e traz no elenco José de Brito, Ohana Natureza e Thiago Zandonai, que elaborou a dramaturgia. Esta foi escrita com base em processos de improvisação e criação de monólogos dos atores, depois transformados nos diálogos e cenas da peça. Assim, os artistas reavivam, na versão adaptada, as figuras de Branca Dias, Padre Bernardo, Augusto Coutinho Simão Dias, Visitador do Santo Ofício Notário, Guarda, personagens originais da obra *O santo inquérito*, de Dias Gomes (Alfredo de Freitas Dias Gomes, 1922-1999). O número 5736 refere-se ao Processo de Branca Dias, no Tribunal do Santo Ofício, da Inquisição de Lisboa, no qual é apresentada acusação de prática do judaísmo.

A peça teatral *O santo inquérito*, de Dias Gomes, recria a história da cristã-nova Branca Dias e sua família, no ano de 1750, na Paraíba quando foram perseguidos pela Inquisição. Já a montagem da *Cia de Segunda* compõe narrativa polifônica. Com uma espécie de peça-instalação, o enredo é desenvolvido a partir dos recursos de *flashback* reforçando o caráter épico da obra. O texto de Dias Gomes já mesclava aspectos da realidade e outras facetas agregadas à obra pelo autor, com "foco no direito de o ser humano ter liberdade de expressar e viver suas ideias". Já a encenação de *Inquérito 5736*,

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

privilegia certa atualização do tema acerca da relativização das verdades, muitas vezes utilizada na atualidade para opacizar posicionamentos político-ideológicos. Longe disso, o grupo literalmente lança luz e foco sobre as contradições do pensamento maniqueísta, das arbitrariedades humanas e das injustiças cometidas em nome de certas verdades, sempre parciais. A iluminação original é operada de dentro da cena, com dispositivos alternativos e artesanais, construídos especialmente para as cenas. O momento mais bem coordenado entre movimentação e iluminação durante a representação, trata-se da cena inicial, quando Augusto é torturado. Bastante visceral, o impacto é causado tanto pelo desenvolvimento da ação dramática como pelo olhar lançado pelo torturador ao público. Constituindo uma importante triangulação, o ator convoca ao posicionamento reflexivo com relação ao acontecimento.

Toda a proposta cenográfica é inspirada nas gambiarras dos porões, nos quais as torturas foram praticadas durante o período ditatorial brasileiro. Além de remeter ao conhecimento com o qual Branca (e nela temos uma personagem alegórica que remete às mulheres como grupo social) tomou contato pela leitura, faz alusão também aos processos de registro, memória e apagamento. Porém, não sem processos de luta por afirmação e ações consequentes como a insistência-resistência que significa dar à luz esse espetáculo.

---

<sup>1</sup> Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.